

Inadimplência no comércio sobe pelo terceiro mês consecutivo

Fernanda Loureiro
de Brasília

O comércio do Distrito Federal registrou a terceira alta consecutiva da inadimplência desde abril, de acordo com o balanço mensal da Câmara de Dirigentes Lojista (CDL). O número de devedores cresceu 1,84% em junho, tendo os cadastros do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) acrescentado 21.533 novos nomes à lista de pessoas com atraso no pagamento de seus compromissos.

Diante da alta gradual da inadimplência, somada à crise energética e desaceleração das vendas no primeiro semestre, o comércio brasileiro reviu sua previsão de crescimento para 2001. No fim do ano passado, os empresários estimavam crescer de 4% a 5%. Agora, a expectativa de crescimento caiu para, no máximo, de 2% a 3% no ano.

No acumulado de janeiro a junho de 2001, a capital federal registrou uma alta de 0,20% na inadimplência. A notícia mais positiva é que, no mesmo período de 2000, o índice registrado foi ainda maior: 0,83%, conforme o levantamento da CDL.

O número de consumidores que tiveram seus nomes incluídos na lista de devedores de janeiro a junho foi 26,6% menor em relação ao ano passado. O SPC recebeu 153.195 novos registros, sendo que no mesmo período de 2000 a quantidade foi maior: 208.670 registros. O número de cancelamentos também caiu. No primeiro semestre de 2001, 158.686 consumidores 'limparam seus nomes' da lista de inadimplentes, contra um total de 180.647 cancelamentos executados em igual período de 2000. No mês de junho, 20.983 conseguiram tirar o nome do vermelho.

O crescimento do volume de cheques protestados no Distrito Federal no acumulado dos seis primeiros meses do ano é confirmado pela Serasa Centralização dos Bancos. De acordo com a empresa paulista, o índice de devedores neste período chegou

a 8,7% entre as pessoas físicas e a 36,3% entre as jurídicas. No mês passado, os números melhoraram, mas só entre as pessoas físicas. A Serasa apontou que, na comparação entre junho de 2001 e junho de 2000, a inadimplência caiu 4,4% entre as pessoas físicas, mas foi 52% maior entre as empresas e indústrias brasileiras, que cada vez mais puxam o crescimento nos índices de inadimplência.

Cenário

Até maio deste ano, o varejo vinha demonstrado um bom desempenho nas vendas. As consultas de lojistas ao SPC - um indicativo de vendas a prazo - no primeiro trimestre de 2001 foram 12,5% maiores que no mesmo período de 2000. Com o anúncio do plano de racionamento e também a elevação da taxa de juros básicos da economia (Selic), as vendas caíram, mudando as expectativas de crescimento para o resto do ano.

Mesmo os shoppings, que no primeiro semestre do ano passado registraram crescimento de 6,9% no País - segundo a Associação Brasileira dos Shoppings Centers (Abrasce), tendo como base dados deflacionados pelo índice de Preços ao Consumidor (IPC-Fipe) - e de cerca de 12% no DF, esperam crescer somente 2%, de acordo com informações de Vicente Estevanato, presidente da Associação de Lojistas em Shoppings Centers do DF (Aloshop).

Para Ennius Muniz, presidente interino da CDL e proprietário da rede Lord Perfumaria, a alta da inadimplência e queda nas vendas são reflexo principalmente da alta na taxa de juros, agravada pela crise de energia. "Estamos vivendo um momento de pessimismo, inimigo número um do comércio. Quando o consumidor está apreensivo, ele adia o desejo de compra e até mesmo o de arcar com o pagamento de suas dívidas", afirma o empresário.